

## «Entrar no jogo»: pela Rússia, pelo dinheiro e pelo poder

### INTRODUÇÃO

O percurso do futebol pós-soviético deve ser analisado à luz das cataclísmicas mudanças sócio-políticas que ocorreram desde a queda do comunismo e da URSS em 1991.

Um dos mais importantes legados do período comunista da história russa (1917-1991) é a fragmentação dos governos, que tem constituído um contexto favorável à consolidação de elites em quase toda a antiga URSS. Em 1991, a antiga União Soviética dividiu-se em quinze Estados independentes, alguns dos quais reclamam uma secessão mais profunda e são actualmente palco de violentas guerras civis — é o caso, por exemplo, da Chechénia na Rússia e da Ossétia na Geórgia. Esta situação instável e transitória significa um «avanço», não em direcção à democracia, mas a Estados neo-autoritários, onde a corrupção reina, a oposição é eliminada e os meios de comunicação amordaçados.

Imediatamente após a queda da União Soviética, a Rússia passou por um breve período de euforia e de liberdade «ilusória» que precedeu a subida ao poder de algo que tem sido variavelmente apelidado de «empresarialismo violento» (Volkov, 2002), «capitalismo político» (Staniszki, 1999) e «capitalismo de clã pós-socialista» (Kosals, 1998)<sup>1</sup>. A extinção das antigas empre-

---

\* University of Surrey (professor emérito) e Stirling University e Baptist University of Hong Kong (professor honorário de Estudos de Desporto).

<sup>1</sup> V. Vadim Volkov, *Violent Entrepreneurs. The Use of Force in the Making of Russian Capitalism*, Ithaca e Londres, Cornell University Press, 2002, Jadwiga Staniszki, *Post-Communism: the Emerging Enigma*, Varsóvia, 1999, e Leonid Kosals e Rozalina Ryvkina, *Sotsiologiya perekhoda k rynku v Rossii*, Moscovo, 1998.

sas estatais deixou um vazio no mercado que seria preenchido sobretudo por ex-burocratas e traficantes do mercado negro. Com a bênção do presidente Ieltsine, estes homens compraram os bens estratégicos da Rússia — os seus recursos naturais, como o petróleo, o gás e os metais — a preços reduzidos, um processo que ficou conhecido como «cleptocracia pós-comunista» ou «piratização».

Após uma série de guerras de *gangs* com vista a reduzir o número de concorrentes, a estabelecer limites territoriais e a alcançar o controlo financeiro e o domínio das principais indústrias, os sobreviventes assinaram uma trégua e alcançaram uma quase respeitabilidade dentro dos limites da lei (a partir de 1999). Como comenta o observador britânico Tristram Hunt:

Aquilo a que se chamou economia de mercado livre foi na realidade uma venda precipitada da riqueza de uma nação a um punhado de bem posicionados *apparatchiks* do Estado. O gás, o petróleo e os minérios foram vendidos ao desbarato a amigos íntimos do Kremlin<sup>2</sup>.

Quando Vladimir Putin sucedeu a Ieltsine na presidência da Rússia, em 1999, alguns dos «empresários violentos» converteram-se em oligarcas «le-gais» a operarem dentro dos limites estabelecidos pelo regime. Os oligarcas são tolerados e apoiados pelo presidente russo, que funciona não exactamente como um «padrinho», mas mais como um ditador neo-autoritário<sup>3</sup>. Desde que não ameacem o poder do presidente, os oligarcas são autorizados a coexistirem com o regime. Porém, se pisarem o risco (como fez Boris Berezovsky, actualmente procurado por fraude e homicídio e em tempos parceiro de negócios de Abramovich, hoje estabelecido na Grã-Bretanha), vêem-se obrigados a pedir asilo político no estrangeiro.

Se permanecerem no país e desafiarem o poder do presidente, como fez Khodorkovsky, o patrão da Yukos e multimilionário do petróleo, podem acabar num campo de trabalho na Sibéria (durante nove anos, no caso de Khodorkovsky, por fraude e evasão fiscal). Na sua cela, Khodorkovsky (2005) escreveu: «A corrupção entre burocratas gananciosos conduziu a uma alienação patológica entre a elite e o povo.» Khodorkovsky compara o Kremlin actual aos *apparatchiks* soviéticos que abanavam o velho e enferrujado comboio de Brejnev para o persuadirem de que estava em movimento<sup>4</sup>.

---

<sup>2</sup> Tristram Hunt, «Why do we welcome these robber barons to Britain?», in *The Guardian*, 25 de Outubro de 2005, p. 32.

<sup>3</sup> V. David Lane (ed.), *The Legacy of State Socialism and the Future of Transformation*, Nova Iorque e Oxford, Lanham, Boulder, 2002.

<sup>4</sup> Programa de reforma «Left turn 2», cit. em Kommersant e *The Guardian* (v. «Prisoner Khodorkovsky unveils his grand plan», in *The Guardian*, 12 de Novembro de 2005, p. 21).

O objectivo do presidente Putin é o *capitalismo estatal*, por meio do qual o «Kremlin Inc.», como é conhecido o Estado, se tornará o accionista maioritário da nova sociedade recém-privatizada. Além de serem patrões de firmas estatais fabulosamente ricos, os oligarcas russos funcionam também como funcionários do Kremlin e têm de respeitar à risca a sua linha política, ajudando a garantir o controlo do Estado sobre os meios de comunicação e a comercialização total do Estado social, como recomendado pelo Banco Mundial (que paga uma parte dos salários às «equipas de investigação» de diversos ministérios russos).

Ao mesmo tempo, se a Rússia tem actualmente 27 bilionários e centenas de milionários, tem também 50 milhões de pessoas (20% da população) a viverem abaixo do limiar de pobreza dos 43 dólares mensais. Alguns oligarcas bilionários vêm no futebol uma espécie de véu para cobrirem as suas actividades menos desportivas, bem como um meio de branqueamento da sua imensa riqueza.

## O PAPEL DO FUTEBOL PARA AS PESSOAS COMUNS

O futebol não é apenas um brinquedo de oligarcas inconcebivelmente ricos; desempenha também, para o público, um papel de considerável importância social. Numa sociedade em profunda mudança, sujeita a uma ditadura autoritária, o futebol adquiriu, para as pessoas comuns, um significado inigualável em termos de símbolo da nação e até de sonho. O falecido Nikolai Starostin (Starostin, 1989), outrora capitão da equipa de futebol soviética e vítima do *gulag* de Estaline, tentou explicar o papel que o futebol desempenhava na União Soviética das décadas de 1920 e 1930:

Creio que no período anterior à guerra o papel social e a importância do futebol nasceram da relação especial que o público tinha com esse desporto. As pessoas pareciam separá-lo de tudo o resto que acontecia à sua volta. Era como que uma veneração absolutamente irrazoável por parte de pecadores que procuravam desesperadamente a absolvição num apelo cego à divindade. Para a maioria das pessoas, o futebol representava a única, e por vezes a última, hipótese de esperança de preservarem nas suas almas uma minúscula ilha de sentimentos sinceros e de relações humanas<sup>5</sup>.

O comentário descreve com discernimento o papel do desporto numa sociedade sob um regime totalitário e pode aplicar-se aos adeptos de futebol

---

<sup>5</sup> Nikolai Starostin, *Futbol skvoz gody*, Moscovo, Sovetskaya Rossiya, 1989, p. 83.

de qualquer sociedade deste género, seja ela a Alemanha nazi, a Itália fascista, a Espanha falangista, o Portugal de Salazar ou qualquer um dos antigos ou actuais Estados comunistas<sup>6</sup>. O casamento entre o futebol e a nação reveste-se de um significado especial para os russos, que, nos últimos quinze anos, passaram de cidadãos soviéticos num Estado multiétnico para cidadãos russos da «Mãe Rússia». Não se trata de um retorno à situação pré-1917, uma vez que a Rússia dos czares era um império continental que incluía mais de cem nacionalidades diferentes. Hoje, pela primeira vez, os russos têm um país só deles, estendendo-se por metade do globo, até ao mar do Japão, a leste, ao oceano Ártico, a norte, e às montanhas que, a sul, separam o país da China e da Mongólia. Neste vastíssimo território, os russos constituem cerca de 80% da população. Comentaremos de seguida o papel do futebol na construção de uma nova identidade nacional.

## O FUTEBOL SOVIÉTICO

Em 1985, o chefe do Partido, Mikhail Gorbachov, tinha a tarefa de salvar um sistema político cujo centro se encontrava em processo de dissolução, fortalecendo inevitavelmente as forças centrífugas e tornando inevitável o colapso do sistema — e, com ele, do último grande império mundial (o antigo império russo, com as principais excepções da Polónia e da Finlândia, caiu sob a alçada da URSS após a revolução de 1917).

Foi sobretudo no campo do desporto, mais rapidamente do que em qualquer outro (talvez devido à sua natureza popular), que a nova era da «abertura» (*glasnost*) expôs ao escrutínio público as realidades do velho regime totalitário. Diversas vítimas da repressão soviética começaram a publicar as suas memórias. E não se tratava de gente comum, mas de antigas estrelas do futebol outrora idolatradas pelo povo. Para apontar um único exemplo: Nikolai Starostin, que foi capitão de equipas de futebol e de hóquei no gelo, membro fundador da Sociedade Desportiva do Spartak em finais da década de 1930 e treinador da selecção nacional de futebol.

Starostin passou também dez anos em campos de trabalho estalinistas (1944-1954) e só regressou a Moscovo após a morte de Estaline em 1953. Nas suas memórias, publicadas em finais dos anos 80, Starostin descreveu o castigo que recebeu por jogar no estrangeiro (contra equipas de operários

---

<sup>6</sup> V. Pierre Arnaud e Jim Riordan, *Sport and International Politics. The Impact of Fascism and Communism on Sport*, Londres e Nova Iorque, E & FN Spon, 1998, Teresa Gonzalez Aja (ed.), *Sport y Autoritarismos. La Utilizacion del Deporte por el Comunismo y el Fascismo*, Madrid, Alianza Editorial, 2002, James Riordan, «Sport under fascism and communism», in Christian Vivier e J.-F. Loudcher (eds.), *Proceedings of the 7th CESH Congress, Besançon, Université de Franche Comte, 2003*, pp. 11-17.

comunistas, como o *L'Etoile Rouge*, em Paris). Na xenófoba acusação lia-se:

Nikolai Petovich Starostin elogiou publicamente o desporto burguês e tentou instilar no nosso desporto os costumes do mundo capitalista<sup>7</sup>.

O seu verdadeiro crime, contudo, foi o de ser capitão do Spartak, a equipa que teve a temeridade de derrotar o Dínamo de Moscovo nas competições da Liga e da Taça em 1938 e 1939, provocando assim a ira de Lavrenty Beria, presidente do Dínamo e brutal chefe da polícia secreta.

De certo modo, Nikolai (e os seus três irmãos, também jogadores do Spartak condenados a campos de trabalho para além do círculo ártico) teve sorte. As tentativas de purgar o desporto soviético de influências estrangeiras resultaram num crime sem precedentes na história. Ninguém sabe o número exacto de vítimas; sabe-se apenas que o terror estalinista dizimou cinco ministros do desporto, diversos chefes de importantes ligas de futebol universitário, eminentes estudiosos e médicos desportivos e, provavelmente, milhares de desportistas de primeira linha<sup>8</sup>.

A repressão não foi o único aspecto obscuro que veio à luz durante a era de Gorbachov. O público ficou também ao corrente dos métodos extraordinários a que as autoridades soviéticas recorriam para garantirem a vitória sobre os adversários capitalistas. Como presidente do Comité para a Cultura Física e o Desporto no período imediatamente a seguir à segunda guerra mundial, Nikolai Romanov (Romanov, 1987) revelou nas suas memórias, publicadas em 1987:

Assim que decidíamos participar em competições estrangeiras, éramos forçados a garantir a vitória, caso contrário a imprensa burguesa «livre» aviltaria não apenas os nossos atletas, como também toda a nação [...] Para obter autorização para participar nos torneios internacionais eu tinha de enviar uma nota pessoal a Estaline garantindo-lhe a vitória<sup>9</sup>.

Contudo, embora os soviéticos tenham dominado os Jogos Olímpicos de Verão e de Inverno desde a sua estreia em Helsínquia, em 1952 (bem como algumas modalidades não olímpicas, como o xadrez), nunca chegaram a constituir um adversário à altura das grandes equipas de futebol do mundo. Apesar do espantoso desempenho do Dínamo de Moscovo na sua digressão

---

<sup>7</sup> Starostin, *Futbol skvoz gody*, p. 73.

<sup>8</sup> Para uma análise pormenorizada do assunto, v. Jim Riordan, «The strange story of Nikolai Starostin, football and Lavrenty Beria», in *Europe-Asia Studies*, vol. 46, n.º 4, 1994, pp. 681 e 689.

<sup>9</sup> N. N. Romanov, *Trudnye dorogi k Olimpu*, Moscovo, Fizkultura I sport, 1987, p. 57.

de quatro jogos pela Grã-Bretanha em 1945 (duas vitórias — sobre o Arsenal e o Chelsea — e dois empates — contra o Cardiff e o Glasgow Rangers), as equipas do futebol soviético não conseguiram conquistar um lugar entre os principais clubes mundiais. O mesmo pode dizer-se a propósito do basquetebol profissional — mas não do hóquei no gelo, modalidade na qual as principais equipas soviéticas defrontaram e derrotaram os melhores clubes da Liga norte-americana (NHL) na década de 1980.

Durante os anos 1980, o desporto soviético começou a evidenciar mudanças radicais que destruíram a sua antiga estrutura funcionalizada e burocrática. Até então, o sistema controlado pelo Estado não só impedira uma verdadeira apreciação das realidades subjacentes às estatísticas «universais» e à aparência «idealizada», como também negara o acesso ao desporto de grupos particulares da população — a síndrome do «nós é que sabemos aquilo que é melhor para ti», pela qual os aptos diziam aos inaptos que o desporto não era para eles e os homens indicavam às mulheres quais os desportos que deviam praticar (o futebol estava excluído desta lista, já que provocava «varizes» às mulheres, além de afectar negativamente «as suas funções sexuais» e provocar «uma excitação pouco saudável entre os homens»)<sup>10</sup>. Além disso, os líderes políticos, em busca de prestígio internacional (para o país e para o socialismo em geral), tinham decidido que os desportos olímpicos de competição constituíam as únicas formas de cultura civilizada.

Aquilo que ninguém podia dizer abertamente antes de finais dos anos 1980, devido à rigorosa censura, era que grande parte da estrutura institucionalizada do desporto se baseava numa mentira. Por exemplo, os atletas de ambos os sexos com categoria igual ou superior a mestre de Desporto dedicavam-se exclusivamente ao desporto e eram pagos em conformidade (violando assim as regras dos Jogos Olímpicos); o Estado soviético produziu, testou e administrou aos seus atletas drogas com vista a melhorar os seus desempenhos; o Dínamo era um clube desportivo financiado e patrocinado pelas forças de segurança (os seus jogadores tinham cargos administrativos, patente militar e até uma farda).

Patrocinado pela ubíqua polícia de segurança, o Dínamo tinha clubes desportivos em todas as principais cidades soviéticas e da Europa de Leste (na URSS havia os Dínamos de Kiev, Minsk e Tbilisi; no «campo socialista», o Dínamo de Tirana, na Albânia, o Dínamo de Berlim, na Alemanha de Leste, e o Dínamo de Zagreb, na Jugoslávia). O outro principal clube desportivo ligado a uma força militar era o do exército — o SKA (Clube Desportivo do Exército), sendo o CSKA (Clube Desportivo Central do Exército) o clube metropolitano sediado em Moscovo.

As restantes sociedades desportivas e clubes de futebol pertenciam a sindicatos — como o Lokomotiv (caminhos de ferro), o Spartak (trabalhadores de colarinho branco), o Yunost (estudantes) e o Urozhai (agricultores) — ou a grandes indústrias — como o Torpedo (indústria automóvel de Moscovo) e o Zénite (companhia de electricidade de Leninegrado). Todas as principais sociedades desportivas possuíam clubes de futebol na 1.<sup>a</sup> Liga soviética<sup>11</sup>.

Quando o pano caiu sobre o comunismo — em 1989 na Europa central e de Leste, em 1991 na União Soviética —, o socialismo deu lugar ao capitalismo, pelo que as sociedades desportivas dos sindicatos livres (como o Spartak, que representava os trabalhadores de colarinho branco, e o Lokomotiv, pertencente aos funcionários dos caminhos de ferro), bem como o Dínamo e os clubes das forças armadas, desapareceram em grande parte para darem lugar aos desportos privados e aos clubes de exercício físico e recreação e a luta livre e o boxe femininos passaram a produzir mais lucro do que o xadrez e o voleibol femininos (do mesmo modo, as antigas bailarinas de *ballet* descobririam que ganhavam mais dinheiro a trabalharem em bordéis e bares de *strip-tease* dentro e fora do país).

As diversas nacionalidades — ucranianos, arménios, letões, moldavos, etc. — preferiam ter as suas próprias equipas independentes a trabalharem em conjunto para alcançarem o sucesso. Assim, o Dínamo de Kiev optou por competir numa liga ucraniana, o Dínamo de Tbilisi numa liga da Geórgia e os clubes russos na Liga de Futebol russa, fundada em 1991. Por muito absurdo que isto possa parecer no caso das nações mais pequenas, que assim negavam a si próprias adversários de gabarito e níveis de audiências lucrativos, a estratégia agradava ao espírito de libertação que marcou o período pós-comunista.

O golpe comunista falhado de 19-21 de Agosto de 1991 acelerou a transição de um desporto controlado e subsidiado pelo Estado para um desporto privado e comercial. Ao mesmo tempo assistiu-se a um êxodo maciço de «cérebros» e «músculos»: atletas, treinadores, médicos e teóricos do desporto trocaram o país pelo «comprador» estrangeiro que melhor lhes pagasse. O mercado internacional do desporto permitiu às estrelas e talentos dos Estados ex-comunistas venderem os seus serviços a promotores desportivos de todo o mundo. Jogadores e treinadores de basquetebol e de hóquei no gelo rumaram ao Canadá e aos Estados Unidos, futebolistas e ciclistas de talento à Europa, lutadores de boxe e halterofilistas ao Japão e à Turquia. Praticantes de outras modalidades, como o ténis e o atletismo, associaram-se a grandes treinadores e agentes, sobretudo norte-americanos, e passaram a viver em permanente trânsito, percorrendo o circuito mundial do *jetset* desportivo.

---

<sup>11</sup> Para uma descrição mais completa do sistema desportivo da União Soviética, v. James Riordan, *Sport in Soviet Society*, Londres, Cambridge University Press, 1977.

Em 1995, mais de 300 futebolistas, 700 hoquistas e 100 basquetebolistas russos exerciam a sua actividade na América do Norte, na Ásia e na Europa ocidental<sup>12</sup>. À semelhança da América Latina e da África, os clubes e ligas desportivos pós-soviéticos em breve se tornaram «viveiros» do desporto capitalista<sup>13</sup>. Este novo e muito lamentado estatuto subordinado tornou difícil aos russos (e a outros europeus do Leste) reunir jogadores de qualidade para as competições internacionais, receber as taxas de transferência dos atletas e conseguir apuramento para torneios europeus lucrativos<sup>14</sup>.

Estes desenvolvimentos enfraqueceram o interesse dos russos no movimento olímpico e levaram à perda dos benefícios e privilégios dos principais jogadores do exército e das universidades, bem como ao desmantelamento dos quarenta e dois colégios internos e clubes e sociedades desportivos<sup>15</sup>. A Sociedade Desportiva do Exército permaneceu sob a alçada do Ministério da Defesa russo até 1997, data em que se tornou uma sociedade anónima por acções, com o Ministério como accionista maioritário.

Ao longo da era de Gorbachov, que se prolongou até 1991, tinham emergido variadíssimas organizações desportivas de natureza espontânea e popular: associações de atletas com deficiências e de mulheres (praticantes de rânguebi e de futebol), pequenos clubes privados de natação e de ténis, clubes de ginástica para a terceira idade, etc. Tais organizações seriam em breve cilindradas por uma «revolução» tão avassaladora como as anteriores: a exposição ao mercado «livre» e a adesão à economia global.

## MIGRAÇÃO HUMANA

A incerteza e a destruição dos padrões de vida da população que acompanharam a desintegração da União Soviética tiveram duas consequências desastrosas. A primeira foi a drástica redução da esperança de vida, especialmente para os homens russos — desceu para os 58 anos, sendo inferior à do Bangladesh e seis anos mais baixa do que em 1965. A segunda foi o declínio demográfico: de 300 milhões na era soviética para 149 milhões em 1991. De acordo com algumas estimativas, que têm em conta a queda acentuada da taxa de natalidade russa, em 2050 a população do país poderá estar reduzida a metade, ou seja, 75 milhões. Em consequência, a partir de

---

<sup>12</sup> *Sportexpress* (Moscovo), 27 de Dezembro de 1995.

<sup>13</sup> *Sportexpress*, 8 de Fevereiro de 1996.

<sup>14</sup> *Komsomolskaya Pravda*, 17 de Março de 1992, 8 de Abril de 1992 e 30 de Maio de 1992.

<sup>15</sup> V. James Riordan e Hart Cantelon, «The Soviet Union and Eastern Europe», in James Riordan e Arnd Kruger (eds.), *European Cultures in Sport: Examining the Nations and Regions*, Bristol, Intellect, 2003, p. 101.



1 de Julho de 2005, o governo foi forçado a encorajar a imigração em grande escala (inicialmente, imigrantes provenientes da China e da Índia). Em alguns aspectos, esta política tem tido correspondência no campo do futebol, com a importação maciça de jogadores estrangeiros.

Após a derrocada do edifício comunista teve início uma violenta batalha pelo controlo do desporto e, em particular, do futebol. Perante o fim inevitável do seu poder político, diversos funcionários comunistas converteram-se rapidamente em homens de negócios e, servindo-se da sua influência e dos seus contactos, adquiriram empresas estatais a preços muito reduzidos (cerca de 20% do seu real valor de mercado) sob a capa da privatização. Estas passaram a ser conhecidas como companhias da *nomenklatura* — é o caso da enorme Sibneft (petróleo siberiano), da Lukoil, da Yukos e da Rosneft (petróleo russo), bem como da maior empresa da Rússia, a Gazprom (Indústria do Gás). A estas juntaram-se em breve outras empresas similares constituídas por membros da nova elite política, os aburguesados «novos russos» (*novye russkie*) ou, actualmente, os «novíssimos russos» (*noveishie russkie*), uma classe de homens imensamente ricos, como Roman Abramovich, o senhor da Sibneft e dono do Chelsea, cuja empresa possui o CSKA.

Homens como Abramovich realizaram um corte radical com o passado no mundo do futebol. Ao fazê-lo, provocaram também uma importante mudança no equilíbrio de poder do futebol, pelo que a Rússia começa agora a ganhar terreno relativamente à Europa ocidental. Pela primeira vez, os clubes russos podem comprar jogadores de todo o mundo, não obstante o preço ou os salários exigidos. Na busca pelo sucesso, o dinheiro não é impedimento. Na temporada de 2003-2004, a folha de salários do Chelsea foi de 168 milhões de euros e estima-se que ronde os 248 milhões em 2004-2005, tornando-se de longe a mais alta do mundo. De momento, os oligarcas russos usufruem de uma relativa liberdade de movimentos que lhes tem sido concedida pelo próprio governo russo e pelas autoridades futebolísticas de alguns dos países (a Grã-Bretanha, por exemplo) onde os seus clubes jogam. O primeiro não parece fazer questão de que eles reinvestam na Rússia o dinheiro roubado ao povo; as últimas, bem como os adeptos, fecham os olhos às origens duvidosas das suas fortunas e às implicações morais da questão.

Os «novos» e os «novíssimos» da nova elite russa em breve acumularam riqueza em excesso, voltando-se para o patrocínio do desporto como forma de darem um «brilho saudável» à sua imagem pública. Para os «novíssimos» ávidos de símbolos de riqueza, o desporto tornou-se uma área de investimento muito atractiva. À semelhança do capitalismo primitivo que subjaz ao seu poder, os métodos que utilizaram para explorarem o futebol eram com frequência extremamente primitivos, incluindo a pré-combinação dos resul-

tados, o suborno dos árbitros e até mesmo o assassinato daqueles que se atravessavam no seu caminho ou que ameaçavam denunciar as suas atividades ilegais.

Uma das raras confissões públicas do envolvimento de dinheiro «sujo» ou «criminoso» no futebol russo foi feita por Nikolai Tolstykh (Tolstykh, 1996) na televisão estatal russa a 1 de Março de 1996<sup>16</sup>. E Tolstykh sabia do que falava: era, na altura, presidente da Liga de Futebol russa e presidente do Dínamo de Moscovo. Tolstykh admitiu livremente ter ameaçado árbitros que tinham tomado decisões «controversas» desfavoráveis à sua equipa (chegando, alegadamente, a espancar um deles), enquanto geria a liga que controlava as carreiras desses mesmos árbitros. O pressuposto de Tolstykh, como o de muitos outros, era o de que toda a gente tinha o seu preço e podia ser comprada<sup>17</sup>. Um aparte: no *derby* a que assisti no Estádio Olímpico (o antigo Estádio de Lenine) entre o Spartak e o CSKA no domingo de 29 de Maio de 2005, os três árbitros de serviço eram alemães, o que acontecia pela primeira vez num jogo da 1.<sup>a</sup> Divisão russa, devido ao receio de corrupção dos árbitros nacionais num desafio de tamanha importância (e isto apesar do escândalo de subornos que envolvia árbitros na Alemanha).

E depois temos a questão dos «homicídios do futebol». No Outono de 1997, depois de a equipa mais popular de Moscovo, o Spartak, ter recusado repetidas propostas de «assistência» por parte do presidente da câmara mais poderoso de Moscovo (e alegado patrão da mafia, Yuri Luzhkov), a directora-geral do clube, Larissa Nechayeva, foi assassinada na sua *dacha*, nos arredores de Moscovo, supostamente devido a uma contenda em torno de direitos televisivos. Cinco anos antes, o presidente do Chornomorets Novorossisk, Vladimir Boot, foi assassinado e o seu filho futebolista, também Vladimir, teve de procurar protecção na Alemanha, onde era jogador do Borussia Dortmund, contra a mafia russa. Em Fevereiro de 2005, o filho do presidente do CSKA, Vadim Giner, sobreviveu a uma tentativa de assassinato quando o seu automóvel foi alvejado em Moscovo. Ninguém foi detido e condenado por nenhum destes crimes. Na vizinha Bulgária, em Setembro de 2005, o patrão do Lokomotiv Plovdiv, Georgi Iliev, foi atingido mortalmente por uma bala de um atirador furtivo.

Lembremos que no mundo dos negócios da Rússia dos nossos dias, o crime organizado desempenha um papel difícil de definir com precisão, mas tão generalizado como o de qualquer outra esfera económica. Esta situação

---

<sup>16</sup> Nikolai Tolstykh, entrevista na televisão estatal russa (ORT), 1 de Março de 1996; v. também Vadim Volkov, *Violent Entrepreneurs*.

<sup>17</sup> Robert Edelman, «There are no rules on planet Russia: post-soviet spectator sport», in Adele Barker (ed.), *Consuming Russia: Popular Culture, Sex and Society since Gorbachev*, Duke University Press, 1999, p. 226.

tem sido exacerbada por aqueles a quem Robert Edelman (Edelman, 1999) chama «caçadores de talentos capitalistas de graus muito variáveis de escrupulosidade [...] indiferentes às consequências para os indivíduos envolvidos ou para o futuro do desporto»<sup>18</sup>. Estes «caça-talentos» fazem-se acompanhar muitas vezes por outros «grandes caçadores» do mercado do entretenimento, cada vez mais globalizado. A ideologia destes homens foi explicitada em 1996 por Alexander Weinstein (Weinstein, 1996), chefe do gabinete moscovita do International Management Group, uma firma sediada nos Estados Unidos:

Estamos convictos de que chegou o momento certo de iniciarmos aqui na Rússia um mercado de desporto civilizado; anteriormente [...] era financiado pelo governo. Agora [...] chegou o momento de envolvermos no processo uma grande estrutura comercial de uma qualquer firma independente<sup>19</sup>.

Indubitavelmente, tais desenvolvimentos inspiraram sentimentos contraditórios ao povo russo. Para alguns, a participação no mercado de talentos desportivos global é entendida como um aspecto da vida num mundo «normal» e «civilizado». Porém, o processo da globalização do desporto vem apenas confirmar o estatuto subordinado da Rússia no mundo, o que provoca um fundo ressentimento a uma parte da população. A televisão pós-comunista tem encorajado o mesmo tipo de globalização e homogeneização (um *dumbing down*) em todas as formas de cultura popular. O nacionalismo russo está ferido pelos desenvolvimentos do desporto internacional e da cultura popular que subjazem ao declínio do país como potência mundial e enfatizam o seu papel secundário no mercado de desporto global.

Não nos surpreende, pois, que a geração mais velha relembre com nostalgia os «bons velhos tempos» do entretenimento soviético educativo e culto. Contudo, entre os mais jovens, o cinema, a televisão, a rádio, a música e os jogos de futebol contemporâneos, em grande medida estrangeiros (mas não só), parecem ser mais populares do que grande parte dos seus congéneres soviéticos alguma vez foram.

Apesar do êxodo de talentos, o público russo manteve o seu interesse pelos ídolos nacionais que abandonaram o país. Este interesse é alimentado pelos jogos transmitidos em directo pela televisão e por uma ampla variedade de programas desportivos encomendados aos distribuidores internacionais. À laia de exemplo, os jogos disputados pelo clube campeão da Premiership inglesa de 2004-2005, o Chelsea (ou «Chelski», como é popularmente conhe-

---

<sup>18</sup> Edelman, p. 222.

<sup>19</sup> Alexander Weinstein, entrevista ao canal de desporto por cabo norte-americano ESPN, Moscovo, 26 de Junho de 1996.

cido pelos adeptos britânicos), são sempre transmitidos pela televisão russa. Além do Chelsea, a firma de Abramovich controla também o CSKA, pelo que o logótipo da Sibneft adorna as camisolas dos jogadores deste clube. Alguns espectadores russos vêem o Chelsea como «deles», já que o sucesso do clube foi comprado por um russo, que pôde também obter rendimentos através da venda de *memorabilia* do Chelsea por toda a Rússia.

Contudo, foi o CSKA, e não o Chelsea, que venceu a Taça UEFA de 2005, derrotando o Sporting de Lisboa no estádio do clube português. Significativamente, o CSKA foi a primeira equipa russa a chegar a uma final europeia desde o Dínamo de Moscovo em 1972<sup>20</sup>. Inevitavelmente, esta vitória atraiu outros oligarcas, que, na sua esforçada procura de segurança internacional e crédito para as suas actividades económicas, tentaram comprar o sucesso desportivo.

## AS AUDIÊNCIAS DOS JOGOS DE FUTEBOL NACIONAIS

Ao mesmo tempo, como acontece em todo o mundo, a diáspora desportiva estimulou entre os russos o mesmo tipo de ira nacionalista contra tais forças multinacionais, principalmente sediadas nos Estados Unidos. Teve também o efeito de levar os adeptos do futebol a voltarem costas ao jogo. Na Rússia, o futebol é o desporto de espectadores de maior popularidade durante os meses de Verão (no Inverno, esse papel pertence ao hóquei no gelo). Há três décadas, durante o período soviético, os principais estádios de futebol enchiam até ao limite e os jogos da 1.<sup>a</sup> Divisão atraíam uma média de 35 000 espectadores. Actualmente, os seis principais clubes moscovitas (Spartak, CSKA, Dínamo, Lokomotiv, Torpedo e o recém-fundado Moskva) atraem, em média, pouco mais de 7000 espectadores por jogo — um número lamentável quando comparado com o dos jogos de qualquer 1.<sup>a</sup> Divisão europeia. O Lokomotiv foi o clube mais apoiado ao vivo durante a temporada de 2004, registando uma audiência média de 11 240 espectadores, e o CSKA, com uma média de 10 800, ocupou o segundo lugar desta lista<sup>21</sup>.

Esta difícil situação significa que os clubes sem patrocínio oligárquico caminham a passos largos para a bancarrota, como é o caso do Torpedo e do Moskva, duas equipas moscovitas da 1.<sup>a</sup> Divisão. Na província, diversas

---

<sup>20</sup> As equipas soviéticas jamais conseguiram alcançar a vitória máxima num campeonato mundial de futebol. Porém, algumas chegaram às finais de competições olímpicas e europeias, além de incluírem uma série de jogadores excepcionais que alcançaram grande renome internacional, como Yashin, Netto, Ivanov, Streltsov, Blokhin e Dassayev.

<sup>21</sup> *Futbol*, n.º 21, 20-27 de Maio de 2005, p. 34.

equipas estão em risco de abandonarem a 1.<sup>a</sup> Divisão ou mesmo em perigo de extinção, como o «Asas dos Sovietes» de Samara (Krylya Sovetov — a antiga equipa da Força Aérea soviética), o qual, ao fim de apenas seis jogos da temporada de 2005, se viu forçado a vender os seus três melhores jogadores para conseguir sobreviver. Apesar de ter como presidente o vice-primeiro-ministro Kadyrov e um orçamento anual de 23,5 milhões de euros, a clube checheno do Terek atrai um máximo de 7500 espectadores e é sustentado, por razões políticas, por patrocinadores pró-russos — o seu presidente apoiou a Rússia na guerra genocida na Chechénia; o sucesso é um excelente gerador de capital político<sup>22</sup>.

Um dos efeitos desta gravitação metropolitana é o facto de que, das actuais dezasseis equipas da 1.<sup>a</sup> Divisão, sete estão sediadas em Moscovo — o que constitui a mais alta concentração de clubes de futebol numa capital do mundo. O número aumentará para oito — ou seja, metade das equipas da 1.<sup>a</sup> Divisão — se o finalista da Taça de 2005, o Khimki, for promovido esta temporada.

Uma das razões para o declínio das audiências é o défice de interesse nacionalista dos jogos, já que as equipas russas se defrontam entre si, em vez de disputarem a vitória a equipas de outras regiões étnicas. O entusiasmo popular era maior nos tempos soviéticos, quando as equipas moscovitas defrontavam uma equipa georgiana ou o melhor clube soviético, o Dínamo de Kiev, da Ucrânia. Outra razão para a queda acentuada dos níveis de audiência é que, hoje em dia, muitos jovens têm acesso a computadores, automóveis e outras formas de lazer que não estavam disponíveis nos tempos soviéticos (os computadores, ao fim e ao cabo, eram armas perigosas nas mãos erradas). Mas existe ainda outra razão, como explica Vladimir Rodionov (Rodionov, 2004), secretário-geral da Federação Russa de Futebol:

Através da televisão, as pessoas podem assistir semanalmente a três ou quatro jogos de futebol russos em directo. E podem ver futebol inglês, espanhol, italiano e alemão, tudo isso em directo. Assim, por que haveriam de gastar dinheiro no estádio quando é mais barato e mais agradável ver os jogos em casa ou num bar a beber cerveja<sup>23</sup>?

Para muito adeptos, o dinheiro é certamente um problema. Os ocidentais vêem apenas o vértice da nova pirâmide social russa, ou seja, os oligarcas

---

<sup>22</sup> *Sovetsky sport*, 20 de Maio de 2005, p. 8.

<sup>23</sup> Rodionov, cit. in Gabriele Marcotti, «Russia's flawed foreign policy», in *The Times*, 15 de Novembro de 2004, p. 22 (de *The Game*).

fabulosamente ricos. Mas não vêem a pobreza e a indigência de grande escala. O economista canadiano J. McMurtry (McMurtry, 1998) fez notar que o capitalismo de mercado pós-soviético

tem sido muito mais destrutivo para a segurança e o bem-estar quotidianos e de longo prazo das pessoas do que qualquer política do Partido Comunista desde a segunda guerra mundial<sup>24</sup>.

O facto é que muitos adeptos não têm simplesmente dinheiro para assistirem a um jogo de futebol ao vivo. Rodionov, sempre diplomata (como seria de esperar de um funcionário público de larga experiência), faz eco do optimismo do presidente Putin, afirmando que tudo ficará bem logo que a economia melhore:

Eles dizem: deixem a economia russa crescer, deixem os russos enriquecer, e logo terão dinheiro para irem ao estádio. Ou seja, temos de dar um jeito à nossa economia para que as pessoas possam voltar a assistir aos jogos de futebol. É isto que eles dizem. É assim a Rússia de hoje<sup>25</sup>.

## A MIGRAÇÃO DO DINHEIRO E AS GRANDES EMPRESAS

De início, o impacto cumulativo do mercado «livre» sobre o futebol pós-soviético teve como resultado o reduzido sucesso das equipas russas nas competições internacionais. A segunda metade da década de 1990 e os primeiros anos do século XXI assistiram a alguns fracassos espectaculares. O desempenho da Rússia nos Mundiais de 1994, 1998 e 2002 foi, para dizer o mínimo, medíocre (nos campeonatos de 1998 e 2002 não conseguiu chegar à fase final).

Na era soviética havia inegavelmente uma atitude diferente por parte dos jogadores (os quais, em todo o caso, estavam proibidos de jogar em equipas não soviéticas). Ouçamos Rodionov de novo, relembando os «bons velhos tempos»:

Éramos orgulhosos, éramos patrióticos, jogávamos por amor ao nosso desporto e ao nosso país. Agora tem tudo a ver com o dinheiro. O dinheiro afecta tudo<sup>26</sup>.

---

<sup>24</sup> J. McMurtry, *Unequal Freedoms: the Global Market as an Ethical System*, Toronto, Garamond, 1998, p. 208.

<sup>25</sup> In Marcotti, p. 23.

<sup>26</sup> Marcotti, p. 23.

O americano Robert Edelman, que escreveu um livro extremamente perspicaz sobre o futebol e os seus adeptos durante o período soviético<sup>27</sup>, faz um comentário similar a propósito dos espectadores:

Os cidadãos soviéticos criaram um espaço de cultura popular que era humano e genuíno, espontâneo e lúdico. No vórtice do desporto globalizado, essa diferença perdeu-se<sup>28</sup>.

Enquanto alguns adeptos podem olhar para a selecção nacional como representante de uma nova nação russa, os jogadores vêm-se muitas vezes a si próprios, como um deles me disse recentemente, como «ciganos» que percorrem o mundo à procura de um cabide onde pendurar as chuteiras. Um ano em Bordéus, o seguinte em Portsmouth, depois no Chelsea e a seguir no Charlton. «Sabe Deus onde estarei daqui a dois meses<sup>29</sup>.»

Enquanto os melhores jogadores russos se mudam para o Ocidente, há outra migração em curso da qual o mundo do futebol só recentemente começou a tomar consciência. Muitos jogadores europeus e sul-americanos de talento, aos quais os russos chamam «legionários», rumam para leste a um ritmo cada vez mais acelerado. Na temporada de 2002, a 1.<sup>a</sup> Divisão russa apresentava uma espantosa média de 11-12 jogadores estrangeiros por cada clube — mais do que qualquer clube inglês, francês, alemão, espanhol ou italiano<sup>30</sup>.

Actualmente, o Dínamo de Moscovo está até a ponderar a contratação de um treinador da Europa ocidental (que será a primeira da história do clube russo): os portugueses Vítor Pontes e António Oliveira são dois dos nomes referidos na imprensa russa<sup>31</sup>. O Dínamo possui já um núcleo (9 em meados de 2005) de jogadores lusófonos, que inclui Tiago, Derlei, Cícero, Maniche e Costinha — estes dois últimos foram comprados em inícios de Maio de 2005 por 21,9 a 23,4 milhões de euros. O presidente do Dínamo, Alexei Fedorychev (Fedorychev, 2005), acredita que uma única cultura e língua contribui para uma mais profunda coesão da equipa. Aquilo que atrai os jogadores a Moscovo é o facto de que «os nossos salários são muito mais altos do que os que poderíamos ganhar em Portugal»<sup>32</sup>. Até ao momento não tem havido qualquer problema na obtenção de vistos de trabalho para os jogadores estrangeiros, já que o co-presidente do Dínamo é Yuri Zavarzin, o qual, por coincidência, é também o presidente da 1.<sup>a</sup> Liga russa.

---

<sup>27</sup> V. Robert Edelman, *Serious Fun. A History of Spectator Sports in the USSR*, Nova Iorque, Oxford University Press, 1993.

<sup>28</sup> Edelman, «There are no rules on planet Russia», p. 238.

<sup>29</sup> Entrevista com Alexei Smertin, Moscovo, 31 de Maio de 2005.

<sup>30</sup> *Novye izvestiya*, n.º 88, 23 de Maio de 2005, p. 8.

<sup>31</sup> *Futbol*, n.º 19, 17-23 de Maio de 2005, p. 6.

<sup>32</sup> *Novye izvestiya*, cit.

O CSKA, com o qual a empresa de Abramovich, a Sibneft, assinou em 2004 um contrato de patrocínio de 42 milhões de euros por três anos, levou a melhor sobre uma série de concorrentes europeus ao conseguir contratar Vagner Love, um dos mais bem cotados pontas de lança brasileiros, por 8 milhões de euros, enquanto o ponta de lança internacional da Croácia Ivica Olic optou por se juntar ao CSKA, em vez de migrar para a Europa ocidental. Contratar jogadores é uma coisa, mas mantê-los na equipa é outra bem diferente. Ao fim de uma temporada, Vagner Love tentou abandonar o clube, queixando-se do frio do Inverno; convocou uma conferência de imprensa para anunciar que pretendia mudar para o Corinthians. Porém, alguns «incentivos», bem como as estipulações contratuais, persuadiram-no a ficar em Moscovo. Love acabaria por desempenhar um papel crucial no triunfo europeu do CSKA.

No momento em que escrevo (meados de 2005), a equipa russa mais bem sucedida é a do Lokomotiv, o antigo clube do sindicato dos trabalhadores ferroviários. Actualmente, o Lokomotiv, que é patrocinado pelos caminhos de ferro estatais russos, constitui uma vasta rede de 1200 assalariados encabeçada pelo vice-primeiro-ministro Alexander Zhukov. O Lokomotiv distingue-se dos outros clubes moscovitas pelo facto de ser directamente controlado pelo Estado, e não por um oligarca.

Mas os clubes de futebol da Europa ocidental só começaram realmente a preocupar-se quando o Spartak de Moscovo, patrocinado pela petrolífera Lukoil, contratou, porventura, o maior talento do futebol argentino, Fernando Cavenaghi, por 11,7 milhões de euros. Até ao momento, as jovens estrelas do futebol sul-americano eram geralmente contratadas pelos clubes espanhóis, portugueses e italianos; agora, porém, os novos-ricos do futebol europeu estão a levar a melhor.

A importação de estrelas estrangeiras não está limitada ao futebol de primeira linha. Num jogo de futsal da Liga russa a que assisti em finais de Maio de 2005, quatro dos jogadores do Spartak de Moscovo eram brasileiros.

À semelhança do que acontece com o Chelsea de Abramovich, o dinheiro parece não constituir obstáculo. O presidente do Dínamo, Alexei Fedorychev, admite ter investido 58 milhões de euros no clube, embora afirme que este necessita de um apoio financeiro de cerca de 102 a 117 milhões de euros. Ex-jogador do Dínamo, Fedorychev adquiriu 51% das acções do clube em Setembro de 2004, tendo feito a sua fortuna na indústria dos pesticidas. A sua empresa, a Fedcominvest, está registada no Mónaco, onde Fedorychev reside. Em 2002, Fedorychev tentou comprar o clube de futebol do Mónaco, que corria sérios riscos de bancarrota, mas foi travado por alegações de branqueamento de dinheiro e de ligações ao mundo do crime. Contudo, à semelhança de Abramovich, Fedorychev possui um clube de futebol e é patrocinador de um outro — actualmente, o logótipo da Fedcominvest adorna o equipamento dos jogadores do Mónaco.



Fedorychev propõe-se construir um novo estádio no Parque Petrovsky dentro dos próximos dezoito meses (o Estádio do Dinamo — inicialmente chamado Estádio Estaline — foi o primeiro grande estádio de futebol a ser construído em Moscovo na década de 1930; a construção do Estádio Lenine data de 1956)<sup>33</sup>. Fedorychev admite que, de momento, os clubes de futebol russos não são lucrativos — as receitas de bilheteira, o produto das vendas de *merchandizing* e os contratos televisivos são insuficientes para contrabalançarem as despesas. No sinuoso e promíscuo mundo do futebol russo, não deverá surpreender-nos que Fedorychev detenha também os direitos televisivos de todos os jogos da 1.ª Liga.

### OLIGARCAS, PERMUTAS DE JOGADORES E AQUISIÇÕES

Ao longo dos últimos anos, o envolvimento da Rússia no futebol mundial tem evoluído, de modo cauteloso e dissimulado, numa nova direcção. Isto inclui um maior número de tentativas de aquisição de clubes ocidentais em dificuldades financeiras, desde o Feyenoord da Holanda ao espanhol Deportivo la Coruña e ao Corinthians do Brasil. A Media Sport Investment (a empresa proprietária do Corinthians e, alegadamente, uma organização de fachada do magnata Berezovsky) tem estado envolvida em negociações — até ao momento sem êxito — com vista à aquisição do West Ham, um clube londrino da 1.ª Liga inglesa. Mais bem sucedida foi a aquisição, por 6 milhões de euros, do clube escocês Heart of Midlothian por Vladimir Romanov, o dono do banco Ukio, sediado em Vilna, a capital da Lituânia. O seu modo caprichoso de promover (tornou o seu filho inexperiente, Roman, presidente) e de demitir tem provocado grande alarme no clube. Porém, Romanov alcançou o seu objectivo confesso de transferir o seu banco para um importante centro financeiro europeu (Edimburgo) de modo a melhorar a sua credibilidade.

Esta nova tendência inclui também, de modo mais sinistro, a compra e venda de acções dos valores de transferência dos jogadores, uma espécie de especulação bolsista sobre os «futuros dos jogadores». À semelhança de muitos negócios duvidosos em todo o mundo, é difícil identificar e expor as forças em actividade por detrás das empresas e agentes de fachada. Disparamos apenas de algumas peças avulsas de um *puzzle* que parece formar, de modo evidente, os vagos traços fisionómicos de Abramovich e Berezovsky.

Em Janeiro de 2004, Jorien van den Herik (Herik, 2004), presidente do holandês Feyenoord, anunciou publicamente que rejeitara uma proposta russa para a compra de uma quota maioritária das acções do clube. «Podíamos ter recebido uma importante injeção de dinheiro», declarou van den Herik,

---

<sup>33</sup> *Ibid.*

«mas, enquanto for eu a mandar, não venderemos o nome, a cultura e a identidade deste clube a nenhum magnata russo»<sup>34</sup>.

Alguns dias mais tarde, Augusto Lendoiro (Lendoiro, 2004), presidente do clube espanhol Deportivo la Coruña, revelou a existência de interesse russo pela compra de acções do clube: «Recebemos telefonemas da Rússia e da Inglaterra [...] Não sei se é Abramovich, mas é possível que se trate de alguém próximo dele»<sup>35</sup>.

Em Novembro do mesmo ano, um dos mais importantes clubes de futebol brasileiros, o Corinthians, foi comprado por um homem de negócios misterioso, Kia Joorabchian, em nome de uma empresa chamada Media Sport Investment. A MSI liquidou as dívidas do clube com um cheque de 20 milhões de dólares e assinou um «acordo de parceria» que deu como garantia um mínimo de 35 milhões de dólares contra 51% dos lucros. Seguidamente, o clube comprou o «jogador do ano» sul-americano, Carlos Tevez, ao clube argentino Boca Juniores por cerca de 22 milhões de dólares — uma quantia quatro vezes superior à de qualquer taxa de transferência jamais paga por um jogador de futebol no Brasil. Subsequentemente, o Corinthians comprou Carlos Alberto, um jogador do FC Porto.

O que era a MSI e quem era Kia Joorabchian? Pouco depois transpirou para a imprensa que a MSI tinha sido formada havia apenas três meses, em Agosto desse ano, e que não possuía capital próprio, mas estava autorizada a movimentar fundos de empresas registadas nas Ilhas Virgens britânicas. Quanto a Joorabchian, os jornalistas de Buenos Aires e de São Paulo não tardaram a descobrir a sua ligação aos russos. Em 1999, Joorabchian fizera as vezes de procurador de Boris Berezovsky na compra de um influente jornal comercial russo, o *Kommersant*. O Partido Popular Socialista, que governa o Conselho Municipal de São Paulo, pôs em marcha um inquérito que chegaria à seguinte conclusão:

Há provas suficientes de que a parceria Corinthians-MSI está a ser utilizada com propósitos de branqueamento de dinheiro<sup>36</sup>.

Os investigadores identificaram Boris Berezovski como uma provável fonte de fundos e indicaram como outra das fontes o magnata georgiano Patarkatsishvili. Este último tinha sido parceiro de negócios de Berezovsky antes de ser forçado a abandonar Moscovo e a regressar à sua cidade natal de Tbilisi, na Geórgia, onde as suas actividades cobrem uma série de áreas, desde o petróleo aos casinos. Patarkatsishvili financiou os atletas da Geórgia

---

<sup>34</sup> David Shonfield, «On Russia», relatório inédito para o jornal *The Observer*, 10 de Junho de 2005, p. 2.

<sup>35</sup> Id., *ibid.*

<sup>36</sup> V. Andy Brassell, in *Tribal Football*, 27 de Fevereiro de 2005.

enviados às Olimpíadas de Atenas, pagou 100 000 dólares a cada um dos seus dois medalhistas de ouro e é o dono do Dínamo de Tbilisi. Significativamente, após a aquisição do Corinthians ocorreu uma permuta de jogadores: três brasileiros rumaram à Geórgia e quatro jovens jogadores georgianos a São Paulo.

Se bem que, em Fevereiro de 2005, Joorabchian tenha sido expulso do Brasil e proibido de exercer qualquer actividade de negócios no país, o presidente do Corinthians, Alberto Dualib, admitiu ter tido diversos contactos com Berezovsky e Patarkatsishvili, anunciando também que Berezovsky integrava um plano de 50 milhões de dólares para a reconstrução do estádio do Corinthians<sup>37</sup>.

A estratégia da MSI parece incluir a compra de contratos dos jogadores, ou de uma parte dos contratos, e a venda dos mesmos a quem oferecer mais dinheiro. As duas estrelas argentinas compradas pela MSI, Tevez e Mascherano, estavam na iminência de serem compradas por um grande clube europeu — provavelmente, o Chelsea, o Real Madrid ou a Juventus. Dos outros jogadores argentinos que terão sido comprados pela MSI, um deles encontra-se actualmente a jogar no Barcelona e o outro está a caminho do FC Porto.

O caso que melhor ilustra a estratégia da MSI é o de Nuno Assis. Um dos médios mais talentosos de Portugal, Assis, foi transferido do Vitória de Guimarães para o Benfica em Janeiro de 2005 — aparentemente, tratava-se de uma transferência normal entre dois clubes portugueses. Contudo, a taxa de transferência de 600 000 euros foi paga pela MSI, que seguidamente transferiu o seu registo para o Dínamo de Moscovo; por seu turno, o Dínamo emprestou Assis ao Benfica. O agente por detrás do negócio foi Jorge Mendes, director executivo da Gestifute, a empresa envolvida em quase todas as mais importantes transferências de futebolistas portugueses nos últimos anos (incluindo a do treinador Mourinho para o Chelsea). Além de receber a percentagem normal pelas transferências dos jogadores (Ronaldo, Postiga, Viana, etc.), a Gestifute faz dinheiro ao comprar e vender percentagens dos valores de transferência dos jogadores.

Embora a Gestifute e a MSI sejam entidades separadas, a sua forte ligação comercial sugere que este poderá muito bem ser o modo de operação da MSI, através da qual os magnatas russos investem na especulação em torno dos «futuros dos jogadores». Este mecanismo, no sentido em que representa a entrada no mercado de forças radicalmente novas, poderá implicar uma mudança dramática no mercado de transferências tradicional. De acordo com David Shonfield (Shonfield, 2005):

Não há dúvidas de que a MSI conta com financiadores russos/georgianos — quatro ou cinco, além de um inglês e de um espanhol, de acordo com Andres Sanches, vice-presidente do Corinthians — e é já

---

<sup>37</sup> Id., *ibid.*

uma força no mercado de transferências. A Gestifute tem feito negócios com a MSI e goza de uma relação de confiança com o Chelsea e o Dinamo de Moscovo. É também inconcebível que Abramovich e os seus conselheiros não estejam a monitorizar atentamente os investimentos futebolísticos de outros homens de negócios russos<sup>38</sup>.

Os oligarcas russos são homens de uma imensa fortuna pessoal e peritos na especulação sobre futuros. Neste caso particular trata-se do valor futuro de jogadores de futebol talentosos. A origem do capital que financia o futebol russo e o alcance tentacular dos oligarcas russos no futebol mundial continua a ser um segredo bem guardado. Os clubes russos e os seus investidores não se têm mostrado dispostos a revelarem as suas contas e a lei não os obriga a fazê-lo. Para os investidores e branqueadores de dinheiro, a atracção deste negócio reside também no facto de ter uma carga fiscal mais leve do que outras áreas económicas e de estar menos sujeita ao controlo governamental. Mas ninguém admite abertamente que possui ligações com a máfia e o branqueamento de dinheiro através das transferências.

Na Rússia os oligarcas são alvo de desprezo geral. Como escreveu Nikon Alexeyevich (Alexeyevich, 2005), director da Polity Foundation de Moscovo: «A vasta maioria dos russos acredita que os oligarcas roubaram esses bens. Há um enorme ressentimento contra eles e contra a sociedade terrivelmente desigual que hoje temos em consequência disso<sup>39</sup>.» O que atrai os oligarcas à Grã-Bretanha é sobretudo a variedade de vantagens que o país lhes oferece. Segundo Hunt, essas vantagens incluem:

Uma caldeirada onde se misturam os benefícios fiscais, o sector de serviços financeiros e uma ampla oferta de firmas de advocacia especializadas em direito empresarial para os infindáveis litígios que os perseguem. Agrada-lhes também a história e a herança cultural da Grã-Bretanha, bem como a atitude da alta sociedade, que aceita «sem fazer perguntas» estes fabulosos novos-ricos<sup>40</sup>.

Assim, por que razão o governo britânico, a Football Association e os adeptos proporcionam um tal paraíso *offshore* ao dinheiro sujo dos homens que pilharam as riquezas da Rússia? Bruce Buck (Buck, 2005), advogado de Abramovich e presidente do Chelsea, admite com franqueza: «É difícil comprar clubes europeus, já que muitos deles pertencem às comunidades. Mas aqui dispomos de uma verdadeira estrutura empresarial<sup>41</sup>.» Ou seja, os clu-

---

<sup>38</sup> David Shonfield, p. 4.

<sup>39</sup> Cit. em David Conn, «Hero in London, but Abramovich faces writ overseas», in *The Guardian*, 21 de Setembro de 2005.

<sup>40</sup> V. Hunt, *The Guardian*, 25 de Outubro de 2005.

<sup>41</sup> Cit. em David Conn, *The Guardian*, 9 de Novembro de 2005, p. 36.

bes de futebol britânicos não são cooperativas ou sociedades mútuas, mas companhias limitadas e sociedades anónimas, muitas das quais em grandes dificuldades financeiras.

No seu artigo incluído no presente volume, Stephen Wagg (Wagg, 2006) explica do seguinte modo a atitude ambivalente dos adeptos do Chelsea para com Abramovich:

[...] o discurso convencional das reportagens [...] despolitiza Abramovich [...] na história do Chelsea, Mourinho é visto como o *produtor* e Abramovich apresentado sobretudo como *consumidor* [...] Abramovich é exactamente igual a nós: um adepto, um homem comum que tem a paixão do futebol, que apoia a sua equipa e gosta de celebrar os seus sucessos.

Contudo, Adam Brown, no artigo que publica neste volume (Brown, 2006), conta-nos uma história diferente relativamente à aquisição do Manchester United pelo milionário norte-americano Malcolm Glazer: «Os adeptos viram-se forçados por lei a vender as suas acções, entregando o Manchester United nas mãos de um homem de negócios que não tivera até ao momento qualquer interesse pelo clube ou ligação ao mesmo.» Enquanto o russo Abramovich é geralmente aceite pelos adeptos do Chelsea, o americano Glazer não goza de similar aprovação.

Esta compra do sucesso de um só clube não é uma prática universal. Nos Estados Unidos, a NFL (American Football League) procura alcançar o «equilíbrio competitivo», que é vital ao sucesso do desporto; assim, a NFL reparte as receitas por entre todos os clubes. Na Grã-Bretanha, pelo contrário, Roman Abramovich pode gastar todo o dinheiro que lhe apetecer para concentrar no Chelsea os melhores jogadores do mundo. E ninguém na FA ou no próprio Chelsea põe em questão o direito de o fazer.

Contudo, como em todos os negócios, a situação é precária e pode mudar a qualquer momento, com os oligarcas a abandonarem os clubes que presentemente patrocinam, deixando atrás de si o caos e dívidas descomunais. Porque, no fim de contas, o futebol não é exactamente o jogo deles.

## BIBLIOGRAFIA

- AJA, T. G. (ed.) (2002), *Sport y Autoritarismos. La utilizacion del Deporte por el Comunismo y el Fascismo*, Madrid, Alianza Editorial.
- ARNAUD, P., e RIORDAN, J. (eds.) (1998), *Sport and International Politics. The Impact of Fascism and Communism on Sport*, Londres, E & FN Spon.
- BRASSEL, A. (2005), *Tribal Football*, 27 de Fevereiro.
- BROWN, A. (2006), «'Not for Sale'?, A destruição e a reforma das comunidades futebolísticas na aquisição do Manchester United por Glazer», in *Análise Social: O Futebol Globalizado*, vol. XLI (179), 2006.
- CONN, D. (2005), «Hero in London, but Abramovich faces writ overseas», in *The Guardian*, 21 de Setembro de 2005 (david.conn@guardian.co.uk).

- EDELMAN, R. (1993), *Serious Fun. A History of Spectator Sports in the USSR*, Nova Iorque, Oxford University Press.
- EDELMAN, R. (1999), «There are no rules on planet Russia: post-Soviet spectator sport», in A. Baker (ed.), *Consuming Russia: Popular Culture, Sex and Society since Gorbachev*, Duke, University Press.
- HUNT, T. (2005), «Why do we welcome these robber barons to Britain?», in *The Guardian*, 25 de Outubro, p. 32.
- KHODORKOVSKY, M. (2005), «Reform programme ‘Left turn 2’», cit. in T. Parfitt, «Welcome to penal colony YaG 14/10. Now the home of one of Russia’s richest men», in *The Guardian*, 25 de Outubro.
- KOSALS, L., e Ryvkina, R. (1998), *Sotsiologiya perekhoda k rynku v Rossii (Sociologia da Transição para o Mercado na Rússia)*, Moscovo.
- LANE, D. (ed.) (2002), *The Legacy of State Socialism and the Future of Transformation*, Boulder, Nova Iorque, Lanham.
- MARCOTTI, G. (2004), «Russia’s flawed foreign policy», in *The Times*, 15 de Novembro, p. 22.
- MCMURTY, J. (1998), *Unequal Freedoms: the Global Market as an Ethical System*, Toronto, Garamond.
- RIORDAN, J. (1977), *Sport in Soviet Society*, Londres, Cambridge University Press.
- RIORDAN, J. (1994), «The strange story of Nikolai Starostin, football and Lavreny Beria», in *Europe-Asia Studies*, vol. 46, 4, pp. 681-689.
- RIORDAN, J., e CANTELON, H. (2003), «The Soviet Union and Eastern Europe», in J. Riordan e A. Kruger (eds.), *European Cultures in Sport: Examining the Nations and Regions*, Bristol, Intellect.
- RODIONOV, V. (2004), cit. in G. Marcotti.
- ROMANOV, N. (1987), *Trudnye dorogi k Olimpu (Os Dificéis Caminhos para o Olimpo)*, Moscovo, Fizkultura i sport.
- SHONFIELD, D. (2005), relatório inédito para *The Observer*, 10 de Junho.
- SMERTIN, A. (2005), entrevista com o autor, Moscovo, 31 de Maio.
- STANISZKIS, J. (1999), *Post-Communism: the Emerging Enigma*, Varsóvia.
- STAROSTIN, N. (1989), *Futbol skvoz gody (O Futebol do Passado)*, Moscovo, Sovetskaya Rossiya.
- VIVIER, C., e LOUDCHER, J.-F. (eds.) (2003), *Proceedings of the 7th CESH Congress*, Besançon, l’Université de Franche Comte, vol. 1, pp. 11-17.
- VOLKOV, V. (2002), *Violent Entrepreneurs. The Use of Force in the Making of Russian Capitalism*, Ithaca, Cornell University, Press.
- WAGG, S. (2006), «‘Anjos de todos nós?’ Os treinadores de futebol, a globalização e a política da celebridade», in *Análise Social, O Futebol Globalizado*, vol. XLI (179), 2006.
- WEINSTEIN, A. (1996), entrevista ao canal de desporto por cabo norte-americano ESPN, Moscovo, 26 de Junho.

#### PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS

- Futbol* (2005), n.º 19, 17-23 de Maio, p. 6.
- Futbol* (2005), n.º 21, 20-27 de Maio, p. 34.
- Komsomolskaya Pravda* (1992), 17 de Março, 8 de Abril e 30 de Maio.
- Novye Izvestiya* (2005), n.º 88, 23 de Maio, p. 8.
- Sovetsky Sport* (2005), n.º 74, 20 de Maio, p. 8.
- Sportexpress* (1995), 27 de Dezembro, p. 4.
- Sportexpress* (1996), 8 de Fevereiro, p. 2.
- Teoriya i Praktika Fizicheskoi Kultury* (1973), n.º 10, p. 62.